
Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade do Estado do Pará
Belém-Pará- Brasil



Revista Cocar. V.14 N.28 Jan./Abr./ 2020 p.243-262

ISSN: 2237-0315

A constituição da libras em Campina Grande-PB: uma história que emerge das narrativas de surdos (1970 – 1996)

The constitution of Brazilian sign language in Campina Grande-PB: a story that emerges from the narratives of deaf (1970 – 1996)

Sérgio Marinho da Silva
Niédja Maria Ferreira de Lima
Shirley Barbosa das Neves Porto
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)
Campina Grande- Paraíba- Brasil

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar elementos constituidores da Libras em Campina Grande-PB, narrados por surdos adultos narrados por surdos adultos, englobando fatos ocorridos entre 1970 e 1996. Adotamos como referencial teórico o Bilinguismo na educação dos surdos e histórias de vida como caminho metodológico. Nas histórias que nos foram narradas, identificamos os primeiros movimentos e momentos na e para a constituição da Língua de Sinais (LS) no município. Elas nos revelaram, principalmente, que ser surdo se constituiu identitariamente a partir do encontro dos sujeitos devido à criação de uma instituição para seu atendimento reabilitacional. O agrupamento possibilitou a emergência de uma comunicação que efetivamente lhes servia, libertando-os do padrão ouvinte imposto pelo Oralismo advindo do Congresso de Milão de 1880.

Palavras-chave: Comunidade Surda. Campina Grande-PB. Libras.

Abstract

This article aims to analyze the constituent elements of Libras (Brazilian Sign Language) in Campina Grande-PB, narrated by deaf adults, containing facts occurred from 1970 to 1996. We adopted bilingualism in the education of the deaf and life histories as the methodological path. In the stories we were told, we identified the first movements and moments in and for the constitution of the Sign Language (SL) in the municipality. They reveal to us, above all, that being deaf is constituted as identity upon the meeting of the subjects due to the creation of an institution for their rehabilitation care. The grouping allowed the creation of a communication that effectively served them, freeing them from the listener standard imposed by the Oralism coming from the Congress of Milan in 1880.

Keywords: Deaf Community. Campina Grande-PB. Libras.

1. Introdução

Este artigo objetiva divulgar os registros dos primórdios da comunicação dos surdos em Campina Grande-PB e os movimentos iniciais para a constituição da Língua Brasileira de Sinais (Libras) no município. A história que apresentamos se constitui a partir de narrativas de surdos nos projetos *Vida, língua e memórias: reminiscências de surdos adultos dos anos de 1970 a 1990* (PIBIC/UFCCG/CNPq/2016); *A constituição da Libras em Campina Grande-PB, entre os anos de 1970 a 1996: dialogando com histórias de vida de surdos e instituições educacionais* (PIBIC/UFCCG/CNPq/2017); e da tese de doutorado *Professores surdos de Libras: a centralidade de ambientes bilíngues em sua formação* (GIANINI, 2012).

A necessidade de construção desse registro existe porque o Congresso de Milãoⁱ, ocorrido em 1880, significou, na história dos surdos, a negação da utilização das línguas de sinais (LS) na sociedade. As determinações advindas do referido evento acabaram com o ideário de valor pela diferença surda e do respeito pelas LS, nascidos no século XVII. O Congresso significou contrariamente à vontade dos surdos, o ápice de todos os movimentos que, ocorridos em décadas anteriores, cumulativamente institucionalizaram a surdez como deficiência. O argumento utilizado era de que para a total adequação ao mundo ouvinte e, portanto, à condição de humano, com pretexto de uma maior integração social, seria necessário aos surdos se esforçarem para adaptar suas vidas ao paradigma oral/ouvinte – o Oralismo.

Nesse contexto, o Congresso negou aos surdos direitos linguísticos, identitários e culturais. Produziu, dessa forma, a necessidade de uma subárea da educação – educação especial – para tratamento e reabilitação de seu público e disseminou a ideia de que apenas as línguas orais expressavam a condição de ser humano e legitimavam as nacionalidades, porque apenas elas eram creditadas como línguas (BEHARES, 1991; SKLIAR, 1997).

Para que esse objetivo fosse efetivado, ocorreu, inclusive, a proibição expressa da utilização de qualquer outro meio de comunicação que não fosse o oral, ficando proibido às comunidades surdas se comunicarem por meio das LS, estivessem os surdos entre seus pares ou com ouvintes (SAKCS, 1998).

A partir de 1880, os avançosⁱⁱ conquistados ao longo de um século foram perdidos em pouco mais de duas décadas de implantação do Oralismo como filosofia sócio-educacional e metodologia de ensino nas escolas para surdos. O que antes era um processo natural –

constituir-se como sujeitos linguísticos/sinalizadores –, no modelo oralista passou a ser desvio, devendo a escola, em um processo forçado, penoso e demorado, corrigir essa condição, ainda que não obtivesse os mesmos resultados sociais e educacionais que os tidos com o uso das línguas de sinais. Assim, a pretexto de serem integrados ao mundo majoritário dos ouvintes, os surdos acabaram sendo excluídos quase que por completo dele, não fosse a LS nos pequenos grupos de surdos que resistiram, mesmo diante das proibições impostas (SANCHEZ, 1991; SKLIAR, 1997; MOURA, 2000).

Sabemos, toda língua é produzida pelo contato social e transmitida na cultura, e à medida que é repassada, também produz cultura. Nesse sentido, a língua também constitui sujeitos políticos e, no caso das minorias, sujeitos de resistência, pois além de precisar do contato para ser produzida, disseminada e transformada ao longo dos anos, ela, na mesma medida, é constituída como foco de resistência em meio à disseminação da visão hegemônica (BAGNO, 2014; SACKS, 1998). Assim sendo, é no contexto de vida social que as LS se efetivam linguística e culturalmente.

Evidentemente, o agrupamento é primordial à concepção e transformação de uma língua, mais ainda para a capacidade de se ver como sujeito e de se perceber representado no outro. Segundo Wilcox e Wilcox (2005), embora não haja homogeneidade entre os surdos, é interessante destacar que há valores comuns que esse grupo compartilha, bem como experiências históricas que os unem. Como exemplo, temos a negação, em certo momento histórico, de sua humanidade; a dominação da sociedade ouvinte sobre os surdos, por décadas e até séculos, impondo seu modo de viver como modelo a ser copiado e seguido; além da rejeição e desvalorização de suas línguas enquanto expressão material de sua diferença bio-fisiológica, que repercute em idiosincrasias identitárias e culturais, etc.

Para além do contexto de agrupamento, institucional ou clandestino, dos surdos, na década de 1960, em nível mundial, ocorreu uma descoberta científica que viria a ser determinante para as alterações nos caminhos de luta da comunidade surda. A LS ganhou *status* de língua a partir de estudos promovidos pelo linguista estadunidense William Stokoe. Este, ao se debruçar sobre a língua de sinais norte-americana – *American Sign Language* (ASL) – comprovou que a sinalização feita pelos surdos não se tratava simplesmente de gestos, mímicas ou pantomima, como até então a comunidade ouvinte acreditava ser. A LS possuía estrutura gramatical semelhante a qualquer língua, sendo

A constituição da libras em Campina Grande-PB: uma história que emerge das narrativas de surdos (1970 – 1996)

composta pelos mesmos níveis linguísticos que todas as demais línguas: fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático. Assim, partindo de comprovações, o pesquisador publicou, em 1960, *Sign Language Structure* (SACKS, 1998).

No Brasil, avançamos bastante nos estudos de descrição linguística da Libras, mas poucos ainda são os registros históricos detalhados sobre como ela emergiu dos encontros entre surdos e se disseminou, compondo as comunidades surdas no país. O movimento de legitimação da Libras como língua dessas comunidades culminou com seu reconhecimento no ano de 2002, por meio da Lei 10.436, de 24 de abril de 2002, e do Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005, documentos que estabeleceram para todo o território nacional, oficialmente, a Libras como língua dos surdos.

No entanto, apesar de a legitimação do direito não ter acontecido sem que os surdos tivessem conscientização suficiente para agir sobre o momento histórico vivido em 2002, é possível pensarmos que até o momento de registro da história de sua língua, os surdos, sejam de Campina Grande-PB ou de qualquer lugar do Brasil, viviam uma situação de histórias de vida de grau zero, o que significa, de acordo com Pineau e Le Grand (2012, p. 21-22), ter uma existência sem memória, esteja ela no plano de seu desenvolvimento pessoal, comunitário, identitário, cultural e linguístico. Nas palavras dos autores, “um ponto zero das histórias de vida é, portanto, uma vida sem memória e sem expressão capaz de ultrapassar seu imediatismo”.

Isso significa uma existência alijada da possibilidade de *autopoiesis*, que é a consciência e reinvenção de si. Os surdos têm o direito à história de sua língua, e é a tratar dela que nos propomos neste trabalho.

2. A vida dos surdos adultos em campina grande e a história da libras: trajeto metodológico

A história que aqui narramos se constituiu a partir de três pesquisas ancoradas em princípios epistemológicos e teórico-metodológicos de base qualitativa (BOGDAN; BIKLEN, 1994). Assim, com enfoque interpretativista, apresentamos Histórias de Vida de surdos, colhidas nas pesquisas PIBIC/CNPq/UFCG 2016 e 2017 e Gianini (2012)ⁱⁱⁱ. O cenário histórico abrange o intervalo entre a década de 1970 e o ano de 1996, quando os primeiros movimentos de construção da Libras em Campina Grande aconteceram.

Como caminho metodológico, o estudo foi pautado na narrativa como método de pesquisa. Para tal, optamos pelas Histórias de Vida (JOSSO, 2004; PINEAU; LE GRAND, 2012)

por entendermos serem uma possibilidade de construir a história da Libras em Campina Grande^{iv} por meio de narrativas de surdos, histórias vivas desse processo, e, nesse momento, as únicas de que dispomos, nos aproximando dos acontecimentos de suas vidas cotidianas, no período investigado. Esse modelo de captura de informações nos conduziu aos que não tinham poder ou privilégio, provocando uma ruptura com os modelos experimentais hegemônicos, por dar-lhe vez e voz (GIANINI, 2012).

As memórias narradas pelos surdos dos três grupos de pesquisa, anteriormente mencionados, constituíram-se como subsídios para a construção histórica da Libras em Campina Grande. Elegemos o período de 1970 a 1996 para investigação porque nele ocorreram, localmente, alguns acontecimentos que são relevantes para nós: 1) criação do curso de Pedagogia da UFCG, em 1979, constituído, entre outras, pela habilitação em formação de professores para a educação de surdos; 2) fundação de instituições, públicas e filantrópicas/particulares, para atendimento especializado de pessoas surdas, como o Centro de Assistência à Criança Excepcional (CACE), em 1976; o Instituto Campinense de Assistência ao Excepcional (ICAE), em 1978; e a Escola Estadual de Audiocomunicação (EDAC), em 1983; 3) criação da Associação de Surdos de Campina Grande (ASCG), em 1987; 4) avanços nos estudos linguísticos sobre as línguas de sinais; e 5) disseminação de novas concepções educacionais para além do Oralismo.

Os sujeitos da pesquisa são surdos congênitos ou de surdez adquirida ainda na infância. Foram escolhidos em virtude de terem nascido nas décadas anteriores aos anos de 1970, pois seriam crianças, jovens e adultos entre os anos de 1970 a 1980. Desse modo, poderiam contribuir com as narrativas de histórias de vida sobre o processo de construção da Libras na cidade, em virtude de serem testemunhas vivas de todo o processo pelo qual passou a sociedade local na época, mais especificamente a comunidade surda de Campina Grande.

Para a constituição dos dados da pesquisa, utilizamos também entrevistas realizadas por Gianini (2012), as quais compuseram seu trabalho de Tese. Essas narrativas em estado bruto, produzidas em 2008, sem tratamento de análise, nos foram cedidas pela pesquisadora. Delas, extraímos excertos que tratavam de aspectos que concerniam às nossas questões imanentes^v.

A constituição da libras em Campina Grande-PB: uma história que emerge das narrativas de surdos (1970 – 1996)

Informamos que todos os sujeitos da pesquisa autorizaram o uso de seus nomes reais, por meio de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, bem como a liberação das imagens para posterior compilação de um documentário com suas narrativas. A seguir, apresentamos os sujeitos participantes da pesquisa.

Quadro 1 - Os sujeitos da pesquisa quanto ao ano de nascimento, idade atual, ano da entrevista e composição dos grupos

NOME*	ANO DE NASCIMENTO	IDADE ATUAL	ANO DA ENTREVISTA	GRUPO**
Luzia	1951	67 anos	2016	2
Conceição	1955	63 anos	2016	2
Jonildo	1958	60 anos	2017	3
Zacarias	1960	58 anos	2018	3
Salatiel	1963	55 anos	2018	3
Solange	1965	53 anos	2016	2
Djailton	1966	52 anos	2016	2
Flávio	1968	50 anos	2008	1
Josinalva	1968	50 anos	2008	1
Joseildo	1969	49 anos	2008	1

*Os sujeitos foram dispostos no quadro de acordo com a cronologia de nascimento.

** Os grupos têm relação com a obtenção dos dados: 1 Gianini (2012); 2 PIBIC/CNPq/UFCG 2016; 3 PIBIC/CNPq/UFCG 2017.

Utilizamos as entrevistas narrativas autobiográficas como instrumento de coleta de dados por corroborarmos com a ideia de Jovchelovitch e Bauer (2002) quando descrevem que o objetivo principal das entrevistas narrativas é apreender como os sujeitos constroem suas versões acerca de determinado objeto. E, ainda, com Ferraroti (2010 *apud* GIANNINI, 2012), quando afirma que as histórias narradas pelos sujeitos são uma síntese dos acontecimentos ocorridos em determinada época, tempo e espaço, por isso, tornando-se o foco da pesquisa.

As entrevistas narrativas têm fases distintas: a primeira é a exploração do campo e a preparação das perguntas exmanentes^{vi}; a segunda se trata da iniciação, quando há a formulação do tópico inicial para o desenvolvimento da narração; a terceira é a narração central, quando o narrador não deve ser interrompido, mas apenas estimulado a continuar a

falar após a pergunta do tópico inicial; a quarta é a fase das perguntas, na qual o pesquisador pode tirar dúvidas que surgiram durante a narração, fazendo as perguntas iminentes, contudo, sem dar opiniões, discutir as contradições nem perguntar os “porquês”, e sim o “como se deu”; e, por fim, a fase em que o gravador é desligado, momento em que perguntas e dúvidas podem ser dirimidas com maior liberdade, devendo-se anotar imediatamente para não incorrer em erro posteriormente (JOVCHELOVICH & BAUER, 2002).

Nossa pergunta inicial, a que norteou as entrevistas nas pesquisas PIBIC/UFCCG/CNPq 2016 e 2017, foi: Como foi a comunicação na sua vida? Complementarmente, foi montado um roteiro guia com perguntas exmanentes, caso a narrativa do entrevistado não respondesse de forma satisfatória aos objetivos e interesses da pesquisa em questão, sendo estas: Quando foi seu primeiro contato com a LS? Como e com quem aprendeu a LS? Em que espaços você usava a LS?

Nesse contexto, as entrevistas narrativas foram gravadas em material fílmico, traduzidas para o português oral, transcritas para o português escrito e, posteriormente, dispostas em um quadro para marcação de questões indexadas, que tinham relação com o processo cronológico de vida do entrevistado, e questões não-indexadas, que se relacionavam diretamente com o foco da pesquisa, no caso, a comunicação por meio de sinais^{vii}.

A partir de então, com os dados narrados evidenciados em questões não-indexadas, pudemos dispô-los em uma tabela, seguindo os acontecimentos relacionados à Libras, evento a evento, ano a ano, de todos os sujeitos. A função do quadro foi permitir uma melhor visualização dos dados que nos possibilitasse fazer correlação entre informações daquilo que nos foi narrado pelos entrevistados, possibilitando construir a história da Libras no município.

Assim, apresentaremos a seguir as histórias de vida dos sujeitos de nossa pesquisa e, a partir das questões não-indexadas, a história da Libras em Campina Grande, com base no que nos foi narrado e que podemos contar nesse momento.

3. Histórias de vida: do cotidiano não visto, emergem vida e língua

Como dito anteriormente, nossos sujeitos pesquisados foram os que entre os anos de 1970 a 1980 eram crianças, jovens e adultos, uma vez que a nossa investigação se

A constituição da libras em Campina Grande-PB: uma história que emerge das narrativas de surdos (1970 – 1996)

propunha a registrar a história da constituição da Libras em Campina Grande. Para isso, era necessário que os sujeitos investigados tivessem participado de alguma forma dos acontecimentos ocorridos na época dessa constituição, de modo a elencar os fatos importantes para a comunidade surda local e sua língua.

Os participantes da pesquisa têm em comum não somente o fato de serem surdos, mas também a particularidade de serem os primeiros a se encontrarem para o desenvolvimento da Língua de Sinais local. Apresentamos, a seguir, suas histórias de vida. A sequência de apresentação segue a ordem cronológica de nascimento.

Luzia nasceu surda, em 1951, no interior da Paraíba. Os pais trabalhavam na roça, no cultivo da agricultura para a subsistência. Ela passou toda a infância e boa parte da adolescência na zona rural, sem contato com outros surdos, a não ser a própria mãe e um irmão que, além de surdo, tinha deficiência intelectual. Relatou que na infância a mãe sinalizava um pouco, junto com outra mulher que “*falava com a mão*”, e ainda o pai, ao brigar com a mãe. Destacou que não tinha LS e também que “*não tinha comunicação! Era tudo parado*”. Mais tarde, ao chegar a Campina Grande, com dezesseis anos, em 1967, afirmou “*não tinha nenhum surdo. [...], eu era sozinha, eu fui a primeira surda, não tinha surdos!*”. Embora fosse à igreja, à Praça da Bandeira, frequentasse festas de carnaval com irmãos, não tinha contato com nenhum surdo na cidade. Essa situação permaneceu durante algum tempo. Na década de 1980, casou-se com um ouvinte e por ter filhos surdos, ficou sabendo, pelo marido, que havia uma escola onde os surdos estudavam. Ela então decidiu, junto com o marido, matricular as crianças nessa escola. Foi ali que aconteceram seus primeiros contatos com outros surdos e com a LS.

Conceição nasceu surda, no ano de 1955. Seus pais são ouvintes e ela tem um irmão mais velho T.^{viii}, que também é surdo. A família de Conceição tinha uma situação financeira privilegiada e os pais decidiram enviar os filhos para estudarem em uma escola para surdos na cidade de Recife-PE. Ela foi no ano de 1960, então com nove anos de idade. Relatou que nessa escola havia comunicação por gestos e que estes eram diferentes dos sinais de hoje. Com catorze anos, em 1969, retornou nas férias a Campina Grande e como seu pai não a deixou regressar, ficou sem estudo escolar, mas recebia aulas de uma prima S., de João Pessoa-PB, que vinha à cidade para ensiná-la. Esse ensino não era em LS, mas em português oral/escrito. Por sentir-se sozinha, ensinou “sinais” aos vizinhos para se comunicar com eles. Conceição só conheceu surdos na cidade por volta de 1973, quando algumas crianças surdas

foram estudar na garagem de sua casa, no bairro da Palmeira, que eram Josinalva e In., com cinco e sete anos, respectivamente. Mais tarde, em 1976, ela viajou com o irmão para a cidade de Fortaleza-CE e lá conheceu outros surdos. Percebeu que havia surdos que sinalizavam de um modo diferente, pois um deles viajou para o Rio de Janeiro e atualizou a comunidade local com os sinais que aprendeu naquela cidade. Segundo Conceição, os surdos de Fortaleza disseram que sua LS, a que havia aprendido em Recife, era ruim. Foi então que alguns surdos lhe ensinaram a sinalização correta. Ela viajava muito para cidades como Recife, Fortaleza e João Pessoa. Mais tarde, já em 1986, reencontrou com aquelas crianças que estudaram na garagem da sua casa, mas agora já adolescentes, em uma escola de surdos em Campina Grande e destacou existir lá “*uma grande quantidade de surdos*”.

Jonildo é filho de pais ouvintes e nasceu ouvinte, perdeu a audição por volta dos três anos de idade. Segundo ele, a perda da audição estaria ligada a um barulho forte como o de um trovão. Ressaltou, em sua fala, que não havia comunicação em casa, da infância à adolescência, bem como o conhecimento de qualquer escola em Campina Grande que atendesse aos surdos. Em sua infância, o município oferecia educação apenas aos ouvintes. Embora sua família não fosse abastada, ele foi estudar em Recife, numa escola filantrópica, a mesma em que Conceição e seu irmão T. estudaram. Lá, teve contato com outros surdos. Embora tenha destacado que a escola possuísse sinalização, ela era de base oralista, e, em suas atividades, conteudista, havendo oralização e tratamento fonoaudiológico. Foi para Recife aos nove anos, em 1969, e retornou em 1975, com dezessete. Ele ficou sem estudar até meados da década de 1990. Nesse hiato, estabeleceu contato com alguns surdos, dentre eles Conceição, que recebia surdos em sua casa e lá conheceu sua esposa. Casaram-se em 1988. Em seguida, nasceu sua filha, que ficou surda por volta dos três anos. Esposa e filha são surdas e a comunicação em casa se dá, desde sempre, por meio da LS.

Zacarias nasceu em 1960, na zona rural de Montadas, cidade vizinha a Campina Grande. É filho de pais ouvintes e tem três irmãs surdas. Apesar de, à época, se comunicarem por meio de gestos, destacou que a mãe “*não ensinava nada durante sua infância*”. Ele ficou em Montadas até os dezessete anos, quando viajou ao Rio de Janeiro para trabalhar na construção civil, em 1977. Mais tarde, em 1981, viajou a São Paulo para a casa de um tio, onde ficou trabalhando, mas afirmou não ter encontrado nenhum surdo nesse percurso. Retornou à Paraíba, mas agora para o município de Campina Grande, onde

A constituição da libras em Campina Grande-PB: uma história que emerge das narrativas de surdos (1970 – 1996)

estabeleceu residência com os demais familiares, que haviam se mudado. Destacou que só foi conhecer um surdo fora do ambiente familiar por volta de 1985, ao encontrar um surdo vindo de Pombal-PB, vendedor de chaveiros, que passava pela cidade. Esse surdo observou sua comunicação e lhe avisou que aquilo que ele falava era gesto e não sinais, que no Rio de Janeiro falava-se com sinais. Nesse mesmo ano, Zacarias estudou dois meses no CACE, em Campina Grande, mas por trabalhar viajando, não conseguia frequentar as aulas e abandonou a escola. No ano seguinte, 1986, ele foi a Pombal e aprendeu outros sinais com o surdo vendedor de chaveiros que havia conhecido. Quando retornou a Campina Grande, ensinou aos seus amigos surdos In., Josinalva e Joseildo, para os quais emprestou um livro com sinais, o livro do Padre^{ix}.

Salatiel nasceu em 1963, em Campina Grande. É filho de pais ouvintes e tinha um irmão surdo que morreu já adulto. Afirmou não haver comunicação em casa até os 10 anos, destacou que “não sabia de nada”. Nesse período, em meados dos anos 1970, sua mãe encontrou uma instituição de atendimento aos surdos, próxima à Rodoviária Velha e o matriculou. Nela, conheceu Joseildo, mas não se comunicavam por LS. Afirmou que a metodologia da instituição era de base oralista. Em 1978, então com quinze anos, foi estudar no ICAE. Lá, encontrou Flávio, mas a metodologia também era oralista, pois as atividades estavam baseadas na fala, na cópia e na repetição de fonemas e grafemas. Deixou os estudos aos dezenove anos, em 1982, para trabalhar. Afirmou que se sentia burro por não conseguir acompanhar as atividades escolares. Destacou que em momento algum, antes de 1987, teve contato com a LS.

Solange nasceu em 1965, na cidade de Montadas. Filha de pais ouvintes, tem três irmãos surdos, dentre eles Zacarias. Relatou que a comunicação, no cotidiano, não fazia muito sentido, as ações eram realizadas por meio de visualização e repetição. A partir da necessidade de comunicarem-se, os irmãos surdos e ouvintes, juntamente com os pais, criaram gestos domésticos, inclusive um vocabulário que ensinavam uns aos outros, o que mais tarde criou certo embaraço na aprendizagem da LS, pois ela relatou ficar com vergonha desses gestos. Conseguiu estudar em uma escola na sua cidade natal, mas era uma escola para ouvintes e a professora tentou oralizá-la. Esses acontecimentos se deram entre 1966 e 1975, quando ela completou dez anos de idade. Entre os anos de 1982 e 1984, sua mãe descobriu que em Campina Grande havia muitos surdos e toda a família se mudou para a cidade, em busca de uma educação para os filhos surdos. A partir de então, teve

contato com outros surdos e com os sinais que eles utilizavam, embora tenha relatado que havia trabalhos de oralização e não somente sinais. Anos depois, casou-se com um surdo Ff., irmão mais velho de Flávio, e saiu da escola.

Djailton nasceu em 1966, na cidade de Campina Grande. Filho de pais ouvintes, tem dois irmãos surdos. Em 1971, sua mãe o levou para a escola, mas não foi aceito por se tratar de uma escola para ouvintes. Ele ficou, então, restrito à comunicação com gestos em seu ambiente familiar. Em 1974, por volta dos 8 anos de idade, foi estudar em Recife e relatou ter tido, lá, os primeiros contatos com a LS. Ao retornar a Campina Grande, por volta de 1976, com 10 anos, passou a estudar no CACE e, anos depois, no ICAE. Pontuou que a base do ensino era oralista e não em sinais, mas afirmou que faziam uso de gestos misturados com fala. Salientou que anos mais tarde, em 1982 ou 1983, teve contato com o livro do Padre Oates, que trazia imagens de vocabulário em LS. Como ele havia tido contato com os sinais em Recife, pôde afirmar que eram os mesmos utilizados na escola daquela cidade, embora tenha estudado nela apenas um ano.

Flávio nasceu em 1968, na cidade de Campina Grande. É filho de pais ouvintes e possui um irmão mais velho surdo, Ff. Destacou, na sua narrativa, que quando era pequeno não sabia o que era ser surdo, nem havia tido contato com outros surdos. Ele desejava ir à escola, mas sua mãe dizia não existir escola para surdos. Ela, então, tentou ensiná-lo a falar. Mais tarde, foi matriculado em uma escola para ouvintes, onde pensava que iria conseguir se comunicar, mas encontrou apenas ouvintes. Relatou não entender nada, nem do ensino, nem das conversas dos alunos, da professora, tampouco da diretora. Ele tentou imitar ser ouvinte, fazendo barulhos incompreensíveis, mas ficou tão frustrado que não retornou mais a essa escola. Destacou, ainda, ter tido contato com surdos apenas em 1976, então com oito anos de idade. Nessa época, entendeu o que era ser surdo. Relatou ter estudado em uma escola onde encontrou In., Josinalva e Joseildo. Salientou que *“todo mundo fazia gestos. Eu nunca tinha visto gestos, nem outros surdos”*. Entre os anos de 1978 e 1983, estudou no CACE e, depois, no ICAE. Foi neste que conheceu um surdo de Brasília que lhes avisou sobre a existência da LS e falou que aquela sinalização que eles usavam estava errada, que havia uma LS. Assim, começou a aprender a língua e a perguntar os sinais das coisas. Com dezesseis anos, foi a João Pessoa e encontrou surdos que usavam LS, descobrindo quão pouca LS utilizava.

A constituição da libras em Campina Grande-PB: uma história que emerge das narrativas de surdos (1970 – 1996)

Josinalva nasceu em 1968, na cidade de Campina Grande. É filha de pais ouvintes e tem dois irmãos surdos (Joseildo e In.). Entre 1973 e 1974, começou a estudar na garagem da casa de Conceição, mas ficou apenas alguns meses, pois essa “escola” fechou. Em 1976 ou 1977, passou a estudar no recém-criado CACE que, segundo ela, se limitava ao ensino da oralização. Destacou que os surdos se comunicavam por meio da gestualização, mas de forma clandestina. Ela pontuou que teve contato com a LS por meio de um livro, o dicionário do Padre Oates, que seu irmão In. pegou emprestado de Zacarias, entre os anos 1980 e 1985. Em seguida, aprendeu a comunicar-se em sinais com o auxílio de uma irmã ouvinte que lhes ajudou a fazer as relações entre o sinal no livro e o objeto no mundo.

Joseildo, o mais jovem do grupo, nasceu em 1969, na cidade de Campina Grande. Filho de pais ouvintes possui dois irmãos surdos, Josinalva e In. Iniciou seus estudos no ICAE, em 1979. Quanto à comunicação, relatou que junto com um grupo de surdos – dentre eles Flávio, Ff. - irmão de Flávio - e Solange – combinavam os sinais que deveriam usar para a comunicação do grupo, embora clandestinamente, pois nessa época, início dos anos 1980, ainda era proibido sinalizar. Destacou que em 1982, no ICAE, teve contato com um surdo vindo de Recife, o qual sabia LS e havia trazido livros para ensinar aos surdos, mas a diretora não permitiu a visita. Relatou, ainda, que somente por volta de 1987, Zacarias, que viajava vendendo chaveiros, chegou com um livro que havia comprado e o emprestou a seu irmão In. O livro era o dicionário do Padre Oates, no qual havia sinais utilizados pela comunidade surda em outras cidades do Brasil. A partir do contato com esse livro, passaram a aprender a LS em casa. Como ele e os dois irmãos surdos não sabiam ler em português, pediram a uma de suas irmãs, ouvinte, para ler e mostrar o referente do objeto no mundo, para que eles se familiarizassem com os sinais. Assim, foram aprendendo e desenvolvendo a LS e disseminando-a entre os surdos, seus conhecidos, em Campina Grande.

4. Libras em Campina Grande-PB, uma história ainda desconhecida

As línguas de sinais, como todas as línguas, servem ao coletivo e são construídas a partir dele. Seu papel social, além de alçar os indivíduos surdos à sua condição humana e de permitir-lhes ultrapassar o espaço interior do eu, é construir nos/para estes sujeitos o presente, o passado e o futuro.

Como construto social, elas sofrem transformações ao longo dos anos, tendo papel fundamental para que o relato da vida possa acontecer. Filiamos-nos a Pineau e Le Grand (2012, p. 33), acreditando que “o que se ilumina aqui é a dimensão sociossimbólica que

aberta pelo relato de vida [...] compreende o sentido que os atores sociais dão a seus atos, aos acontecimentos que lhes dizem respeito”.

Assim sendo, diante da análise dos dados coletados, pudemos identificar que a Libras em Campina Grande-PB foi se constituindo, como toda e qualquer língua, a partir de encontros sociais dos sujeitos que a usam, embora os surdos, em seus relatos, tenham demonstrado ter consciência de que seu sistema de comunicação não era língua.

Mais uma vez, dialogando com Pineau e Le Grand (2012), que se referenciam em Dilthey (1988), concordamos que:

O indivíduo, em sua existência particular que repousa nela mesma, é um ser histórico. Ele é determinado por sua posição na linha do tempo, pelo lugar que ele ocupa no espaço, por sua situação na cooperação dos sistemas culturais e das comunidades... Assim, vida, experiência de vida e ciências do espírito se encontram, constantemente, numa relação de coesão interna e de dependência recíproca. (DILTHEY, 1988 *apud* PINEAU e LE GRAND, 2012, p. 65)

Nas histórias que nos foram narradas, pudemos perceber que, até meados da década de 1970, a LS não existia no município e que, apesar de verificarmos, nas falas, a existência de sistemas de comunicação gestuais, criados e negociados internamente nas famílias, principalmente naquelas com mais de um sujeito surdo, não havia um sistema linguístico compartilhado entre os surdos.

A compreensão de que essa comunicação para resolução da vida diária não era LS pode ser vista na fala de Salatiel quando afirmou que a “comunicação não existia na minha [casa]... só na escola. Quando eu era pequeno, jovem, cinco, seis, até dez anos, não sabia de nada, não tinha comunicação, [...]”. E ainda na de Luzia, quando destacou: “[...] eu não entendia as coisas. Três, quatro, cinco, eu só chamava e apontava, chamava e apontava”. E ainda na de Zacarias, quando narrou: “[...] ela [mãe] não ensinava nada, ela não sabia de sinais [...]. Muitas coisas ela não sabia me explicar, ficava tentando me passar algumas coisas através de gestos [...]”.

A situação da inserção da LS na comunidade surda campinense começou a mudar a partir de quatro momentos distintos e não cronologicamente lineares, principalmente os dois últimos. O primeiro se relaciona com a ida de surdos, ainda crianças, para estudar em escolas na cidade de Recife, onde puderam ter contato com uma LS, ainda que, na fala deles, pouco desenvolvida. O segundo, com a abertura de instituições que atendiam aos surdos na cidade de Campina Grande. O terceiro, com o contato entre a comunidade surda

A constituição da libras em Campina Grande-PB: uma história que emerge das narrativas de surdos (1970 – 1996)

local e as de outras cidades, por meio de surdos que viajavam e com os quais se assimilava a LS. Por fim, o contato de surdos locais com um dicionário de LS conhecido como o “livro do padre”.

A ida de alguns surdos, ainda crianças, para a cidade de Recife, estudar em escolas privadas ou filantrópicas, foi o primeiro contato da comunidade surda campinense com a LS. O primeiro sujeito de nossa entrevista a ir para Recife foi Conceição, com cinco anos, em 1960. Ela estudou em várias escolas junto com seu irmão T., destacando que “a sinalização nessa época, era diferente. Eram gestos, misturados com sinalização, era uma mistura de gestos para comunicação, mas a gente se comunicava”. Deixou evidente, em sua narrativa, que já havia certa sinalização naquela cidade, embora as atividades educacionais fossem de base oralista. Conceição estudou em Recife até a idade de catorze anos, quando retornou de férias a Campina Grande, em 1969, e seu pai, por questões familiares, não a deixou retornar.

O segundo surdo a ir estudar também em Recife foi Jonildo, em 1969, com a idade de onze anos, numa instituição filantrópica, a mesma em que Conceição estudou. Retornou para Campina Grande em 1975, ficando sem contato com outros surdos durante algum tempo. Identificamos em sua fala que teve contato com a LS em Recife, embora não entendesse muito. Relatou passar um tempo sem conhecer surdos, mas destacou reunir-se com alguns deles na casa de Conceição, onde, inclusive, conheceu sua esposa, que também é surda, e casaram-se em 1988.

Outro surdo que foi estudar em Recife foi Djailton, em 1974, com oito anos de idade. Ele expôs só ter ficado um ano na cidade, mas destacou que, ao chegar à escola, percebeu “[...] um grupo de homens surdos sinalizando muito e eu não compreendia nada, os meninos sinalizavam e eu não compreendia nada e olhava as pessoas mexendo as mãos com muita fluência e não entendia nada”. Mas com o passar do tempo, foi entendendo essa sinalização. No ano seguinte, por volta de 1975, sua mãe o tirou da escola, matriculando-o em uma instituição na cidade de Campina Grande. Ressaltou ainda não existir sinalização na cidade, ao afirmar que:

[...] gostava de lá [Recife], que eu queria a sinalização, [...] cheguei lá [Campina Grande] na expectativa de sinalização e essa expectativa foi frustrada, não existia sinalização [...]. Lamento ter voltado para Campina Grande, pois [...] se eu tivesse ficado lá em Recife eu seria melhor letrado, porque lá tinha língua de sinais [...]

O segundo momento se deu com a abertura de instituições de atendimento aos surdos, a partir de 1976. As pesquisas - documentais e de legislação - empreendidas mostram que esse momento está relacionado às diretrizes nacionais referentes à Educação Especial, fruto da criação, em 1973, do Centro Nacional de Educação Especial (CENESP), que passou a implantar uma série de ações para as pessoas com deficiências, contemplando também os surdos, pois estes estavam vinculados aos deficientes (GIANINI; LIMA, 2017).

Ainda conforme as autoras, no município de Campina Grande, o resultado foi a abertura do Centro Assistencial à Criança Excepcional – CACE, em 1976, e posteriormente o Instituto Campinense de Atendimento ao Excepcional - ICAE, em 1978. Na década de 1980, mais especificamente em 1983, foi criada a Escola Estadual de Audiocomunicação – EDAC, para servir de campo de estágio aos futuros pedagogos da Habilitação em Educação de Deficientes da Audiocomunicação, do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), hoje Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

A partir da abertura dessas instituições, os surdos começaram a ter contato frequente entre si, desse modo despertando para a necessidade de uma forma de comunicação que lhes servisse, papel que a língua portuguesa apresentada a partir do Oralismo, metodologia e filosofia educacional adotadas à época, não cumpria. Esse encontro proporcionou a troca de informações e, com isso, a produção de uma comunicação gestual local.

A esse respeito, Josinalva disse que havia, de forma clandestina, a combinação de gestos com alguns surdos. Para tal, eles iam “[...] *ver se não tinha ninguém olhando, para poder combinar os gestos das cores do dominó, procurando nos objetos cores, para poder marcar e combinar*”, por exemplo. Assim, o simples fato de o encontro entre os sujeitos ter ocorrido pôde suscitar o desejo/necessidade de construção de uma língua, ainda que fosse de forma clandestina, escondida e primária, pois havia a proibição da comunicação com o uso das mãos.

O terceiro momento está relacionado ao fato de a comunidade surda local ter tido contato com outros surdos, seja os de fora que vieram para a cidade de Campina Grande, seja os surdos nela residentes, que viajaram a outras cidades. Isso é destacado nas falas de Conceição, que viajava sempre para Fortaleza com o irmão T., e de Zacarias que, a partir do contato com um surdo de Pombal, foi apresentado a novas possibilidades de expressão.

A constituição da libras em Campina Grande-PB: uma história que emerge das narrativas de surdos (1970 – 1996)

Tanto o surdo de Pombal quanto os de Fortaleza sabiam a Libras^x, pois haviam tido contato com a comunidade surda do Rio de Janeiro e lá aprendido essa língua.

Conceição, entre 1975 e 1976, em viagens para a cidade de Fortaleza, se surpreendeu com o fato dos surdos de lá conhecerem a Libras e dizerem que “sua LS era ruim, fraca” e que “[...] sua LS é diferente”. Ela se justificou dizendo: “[...] a culpa não é minha, eu aprendi em Recife, o que é que eu posso fazer? Lá, eles que me ensinaram. E eu fui aprendendo e desenvolvendo o que eles [comunidade de Fortaleza] iam me ensinando [...]”.

Assim, por meio da comunidade de Fortaleza, que havia tido contato com a do Rio de Janeiro e atualizado os sinais, Conceição aprendeu outros sinais. Em outro momento, quando voltou a ter contato com a comunidade surda de Recife, percebeu que os surdos daquela cidade já sinalizavam igual aos de Fortaleza, pois surdos da cidade viajaram ao Rio de Janeiro e atualizaram os sinais.

Zacarias encontrou, em Campina Grande, um surdo de Pombal que trabalhava viajando vendendo chaveiros. Nessa aproximação, foi avisado de que seu modo de comunicação era gesto e não língua, que havia uma sinalização diferente advinda da cidade do Rio de Janeiro. Esse surdo lhe ensinou alguns sinais. Isso ocorreu por volta de 1985. No ano seguinte, Zacarias foi a Pombal para aprender mais Libras com esse surdo. De volta a Campina Grande, chamou os surdos e disse que a comunicação gestual utilizada por eles não era Libras, mas que ele a ensinaria para todos: “[...] calma que eu passo para vocês. E comecei a ensinar aos surdos”.

Vemos, assim, a partir das narrativas, quão importante foi a cidade do Rio de Janeiro como referência de disseminação da Libras em todo o território nacional, como também atestam Goldefeld, (1997); Moura (2000); Soares (1999) e Queiroga & Porto (2017).

O quarto e último momento está relacionado ao contato com um dicionário de sinais, intitulado Linguagem das mãos, do Padre Eugênio Oates, publicado no final da década de 1970. A essa publicação, uma compilação de sinais utilizados no estado de São Paulo, Zacarias teve acesso e a adquiriu, por volta de 1987, em uma de suas viagens. Ao retornar a Campina Grande, emprestou-a a In., irmão de Josinalva e Joseildo, que, com a ajuda de uma irmã ouvinte, aprenderam os sinais.

5. Considerações finais

Como é comum às línguas, sua existência depende de usuários que compartilhem um léxico em comum. A língua de sinais também precisou do agrupamento dos surdos para, pela necessidade de comunicação de seus pares, poder emergir, não sendo exceção à regra.

Os surdos mais velhos, à medida que foram tendo contato entre si e depois com comunidades surdas de fora – Recife e Fortaleza – e essas, com uma maior, Rio de Janeiro, foram apreendendo a LS e disseminando-a na comunidade local.

A comunidade surda do Rio de Janeiro, tendo o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) como polo histórico de escolaridade e formação de professores para surdos, conseguiu manter a LS viva e disseminá-la, à medida que os surdos foram se reunindo ao longo do território nacional. Foi o que ocorreu em Campina Grande, pois embora nenhum surdo na nossa pesquisa tivesse tido contato com a LS na cidade do Rio de Janeiro, por terem se encontrado com surdos que haviam estado naquela cidade, aprenderam a LS que ali existia e, a partir de então, puderam usá-la no município.

Percebemos na fala de nossos sujeitos, que o despertar da consciência do ser surdo aconteceu a partir do contato com outros surdos, propiciado, fundamentalmente, com a abertura do CACE, local onde os encontros entre os surdos geraram a necessidade de um compartilhamento linguístico que permitisse as interações sociais e de aprendizagens. Nesse sentido, não somente o fato de serem surdos os uniu, mas, associada a isso, a necessidade premente de comunicação numa língua que lhes servisse e que, na mesma medida em que foi produzida, gerou uma consciência de pertencimento a uma comunidade humana. Isso se deu pelo fato de a língua promover uma identidade coletiva, produzindo a história da comunidade.

Podemos observar esse fato nas conquistas que vieram a seguir, como: a abertura da Associação de Surdos de Campina Grande (ASCG), em 1987; a EDAC, assumindo o modelo de educação bilíngue, em 1996; a aprovação da Libras como língua em Campina Grande, em 1997; a abertura de concurso para instrutor e intérprete de Libras em Campina Grande, em 1999/2000; a Lei da Libras (2002), entre outras.

Nossa maior expectativa é de que essa pesquisa contribua para a constituição do legado histórico dos surdos. As narrativas de suas Histórias de Vida, sobre uma época que se traduziu no período de maior negação de sua língua e condição de sujeito político e social –

A constituição da libras em Campina Grande-PB: uma história que emerge das narrativas de surdos (1970 – 1996)

o Oralismo – na cidade de Campina Grande, nos apresentaram os momentos iniciais da Libras no município. Ao narrar as histórias de vida dos surdos, nos movemos para o passado, não para nele nos instalarmos, mas para com ele aprendermos.

Por fim, esperamos que o acervo constituído no *corpus* da pesquisa possa, em outras ocasiões, servir como fonte de estudos para o esclarecimento e a composição de mais informações históricas sobre a comunidade surda local, possibilitando produzir desdobramentos para além dos que ora foram apresentados.

Referências

BAGNO, Marcos. **Língua, linguagem, linguística: pondo os pingos nos ii**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014. pp. 9-66.

BEHARES, Luiz Ernesto. **Novas correntes na educação de surdos: dos enfoques clínicos aos culturais**, 1991. (Mimeo). Traduzido por Eleny Gianini,

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

GIANINI, Eleny. **Professores surdos de Libras: a centralidade de ambientes bilíngues em sua formação**. Tese de Doutorado. UFRN, 2012.

GIANINI, Eleny; LIMA, Niédja Maria Ferreira. **A educação de surdos em Campina Grande no período de 1971 a 1996**. XIV Jornada Pedagógica do HISTEDBR. Pedagogia histórico-crítica, educação e revolução: 100 anos da revolução russa. UNIOESTE – Foz do Iguaçu-PR, mai. 2017.

GOLDFELD, Márcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva socio-interacionista**. Campinas: Plexus, 1997.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 3. ed. Tradução: Pedrinho A. Creareschi. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002. p. 90-113.

MOURA, M.C. **O surdo: caminhos para uma nova identidade**. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

PINEAU, Gaston; LE GRAND, Jean-Louis. **As histórias de vida**. Tradução: Carlos Eduardo Galvão e Maria da Conceição Passeggi. Natal: EDUFRN, 2012.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. Tradução: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

SÁNCHEZ, Carlos. **La increíble y triste historia de La sordera**. Merida: Ceprosord, 1990.

SKLIAR, Carlos (Org.). **Educação e exclusão**: abordagens sócio-antropológicas em educação especial. Porto Alegre: Mediação, 1997.

SOARES, Maria Aparecida Leite. **A educação do surdo no Brasil**. Campinas: Autores Associados, EDUSF, 1999.

QUEIROGA, Renatta Irys de; PORTO, Shirley Barbosa das Neves. **Vida, língua e memórias**: reminiscência de surdos adultos dos anos de 1970-1990. XIV Congresso de Iniciação Científica da Universidade Federal de Campina Grande. PIBIC/CNPq, nov. 2017.

WILCOX, Sherman; WILCOX Phyllis Perrin. **Aprender a ver**: o ensino da Língua de Sinais Americana como segunda língua. Tradução: Tarcísio de Arantes Leite. Petrópolis-RJ: Arara Azul, 2005.

Notas

ⁱ Fórum de discussão internacional sobre os rumos da educação e vida dos surdos, onde foi estabelecido que as comunidades surdas só poderiam ser instruídas e educadas em práticas oralistas, sendo-lhes negado o direito a suas línguas naturais de modalidade gestual-visual e sinalizadas (SACKS, 1998; SKLIAR, 1997, entre outros).

ⁱⁱ As décadas finais do século XVIII e a primeira metade do século XIX foram de grandes avanços na vida dos surdos, nos âmbitos social e educacional. Ver registros dos movimentos científicos, educacionais e sociais que possibilitaram que o século XVIII fosse considerado a “época de ouro dos surdos” em Sacks (1998), Moura (2000), Skliar (1997), entre outros.

ⁱⁱⁱ Tese de doutoramento intitulada “Professores surdos de Libras: a centralidade de ambientes bilíngues em sua formação” (PPGED/UFRN, 2012).

^{iv} Campina Grande-PB, maior cidade do interior do estado da Paraíba, tem população estimada de 407.472 habitantes, segundo o IBGE (2018). Sua localização está a 120 km da capital do estado, sendo um entreposto econômico de grande importância para a região. Ainda nas décadas de 1960/70, se transformou em polo educacional e de saúde, atraindo pessoas da Paraíba e de estados vizinhos por ofertar serviços nessas áreas, além de apresentar forte setor comercial e industrial, gerando entre 11% e 15% do PIB do estado.

^v Perguntas relacionadas a dúvidas que surgem durante a narrativa dos sujeitos e que só devem ser dirimidas ao término da entrevista.

^{vi} Perguntas formuladas antes da entrevista narrativa, com o objetivo de esclarecer a questão central da pesquisa.

^{vii} A filmagem das entrevistas foi realizada por um técnico em audiovisual pertencente ao quadro de servidores da UFCG. As entrevistas foram realizadas em Libras pela professora Shirley Porto e depois traduzidas por ela com a colaboração da professora Germana Silva Oliveira. Na sequência, esse material foi enviado para os bolsistas de iniciação científica (PIBIC 2016 e 2017) para a transcrição em língua portuguesa e posterior análise.

^{viii} Os nomes dos familiares citados nas narrativas não puderam ser informados no corpo do texto porque não tivemos sua autorização. Usamos, portanto, as iniciais dos nomes e apelidos mencionados na pesquisa.

^{ix} Trata-se do dicionário ilustrado *Linguagem das mãos*, elaborado pelo padre redentorista Eugênio Oates, publicado no final da década de 1970, pela Editora Santuário, conhecido entre os surdos como o “livro do Padre”.

^x A partir desse momento, as narrativas apontam para a existência da Língua Brasileira de Sinais – Libras.

Sobre os autores

Sérgio Marinho da Silva

Graduado em Geografia e graduando em Pedagogia pela Universidade Federal de Campina Grande e aluno bolsista PIBIC-CNPq-UFCG 2016-2017 e 2019-2020. E-mail: sergio_cg25@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8110-8563>

Shirley Barbosa das Neves Porto

Professora da Unidade Acadêmica de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: sbportoneves@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6301-4555>

Niédja Maria Ferreira de Lima

Professora da Unidade Acadêmica de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: niedjafl@yahoo.com.br <https://orcid.org/0000-0003-1289-2002>

Recebido em: 09/06/2019

Aceito para publicação em: 12/07/2019